

**BAUDELAIRE, MALLARMÉ E RIMBAUD: UM RECORTE
SOBRE A IRRUPÇÃO DA MODERNIDADE
E CONTEMPORANEIDADE NO PENSAMENTO POÉTICO
NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Marilene Ferreira Cambeiro (UVA)
marilene.cambeiro@uva.br

RESUMO

Quais as articulações possíveis entre os três escritores: Baudelaire (1985), Mallarmé (1991) e Rimbaud (1998) e o movimento do Simbolismo francês na segunda metade do século XIX? Quais as articulações com a proposta da lírica moderna e contemporânea? A obra de H. Friedrich (1978) foi a fonte inicial deste recorte no percurso de transição da lírica referida e o contexto moderno e contemporâneo, nesses poetas citados, e suas contribuições nessas expressões (BENJAMIN, 1989). O que permanece desses poetas do século XIX nos poetas modernos e contemporâneos brasileiros (CAMPOS, 1991), até a atualidade dos movimentos com novos protagonismos culturais de inclusão e diversidade? A constatação da presença desses poetas pensadores, da palavra e do real humano redescoberto, trouxe-os de volta à ribalta em tempos ainda de segregação (ANDRADE, 1976). Consideramos nesta pesquisa a vanguarda que eles representaram e representam até hoje com uma renovação do pensamento poético em relação à busca individual de cada um como sujeito, atravessado pela busca da verdade: “Quem sou eu?” (LACAN, 1985): uma visão da subversão da expressão da lírica, até então articulada ao contexto poético ocidental e universal e às concepções da Verdade do poético.

Palavras-chave:

Lírica moderna. Pensamento poético. Verdade do poético.

ABSTRACT

What are the possible links among the three writers: Baudelaire (1985), Mallarmé (1991) e Rimbaud (1998) and the French symbolic poetical context at the end of the XIXth age? What are their connections with the modern and contemporary lyrics? H. Friedrich's book (1978) was the first reference for this cut to the transition from the classic lyrics to the modern and contemporary lyrical path, about the referred authors' expressions and contributions (BENJAMIN, 1989). What remains from these XIXth poets into the modern and contemporary Brazilian poets (CAMPOS, 1991), up to the nowadays movements, with the new cultural behaviour of inclusion and diversity. The close observation of these reflexive poets and the relation they established between words and real brought them to the limeght in these hard segregation times (ANDRADE, 1976). The present research avaliated the avant gard role they represented and still represent to renew the poetical thinking, in connection to individual search of each one for the subject's truth: “Who am I?” (LACAN, 1985): a view of their subversion of the classical poetry, traditionally linked, to the poetical ocidental thought and universal conceptions of the poetical Truth.

Keywords:

Modern lyric. Poetic thinking. Truth of the poetic.

1. O contexto simbolista

“Por enquanto vamos ater-nos a está metáfora tó-pica – o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo. É o que (EU) é um outro quer dizer.”
(LACAN, 1985. p. 16)

O simbolismo francês tem como pressuposto geral, do contexto fim de século, a busca da verdade simbólica, de uma cifra mística ou espiritual que explicasse a realidade outra externa ou o real outro interiorizado do sujeito.

Essa busca de uma verdade outra se encontra com pesquisas na psicologia (entre elas a de H. Wallon), e antecipam a Psicanálise de Freud e Lacan que os referencia em seus seminários iniciais.

As inspirações do movimento vêm entre outras, das pesquisas musicais do músico e compositor R. Wagner e do pensamento filosófico de Schopenhauer que colocam a música como expressão mais próxima dos mais obscuros “sofrimentos” humanos. Essa verdade buscada está diretamente conectada a um real, daí sua permanência no tempo e seu resgate efetivo pelos modernos, resultando em seu relevo nesta proposta de rápida incursão pelas referências mais atuais que permanecem atemporais.

O conceito de símbolo já define em si mesmo uma união de dois espaços: uma duplicidade dos espaços: material e abstrato, concreto e espiritual. Daí, haver correspondências, seu espelhamento ou sua diferença e estranheza, são expressões que se identificam com esse contexto, entre outros.

Pode-se afirmar que o início de uma ruptura dos conceitos clássicos absolutos marcam esses três poetas: a ruptura com os conceitos absolutos de BEM, de BELO e de VERDADE UNA ascendente e platônica está em seus horizontes, contrariando a estética realista e parnasiana de expressão da Verdade racional e científica pela literatura.

Alguns escritores modernos podem ser situados, inicialmente, na transição para uma expressão poética moderna em língua portuguesa: Manuel Bandeira, Mário de Andrade e... O português Fernando Pessoa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que incorpora, na modernidade, o simbolismo em seus poemas da série “ Mensagem”, entre muitos outros nomes de importância no contexto brasileiro que serão citados oportunamente.

Propõe-se, neste espaço, estabelecer quais as diretrizes, daquele referido contexto simbolista, que permanecem como orientação para a Leitura do poético ainda hoje.

1.1. Charles Baudelaire (1821–1867)

A UMA DAMA CRIOLA

Conheci uma crioula de encanto ignorado.
E cuja sombra nosso olhar se delicia,
Sob um dossel de agreste púrpura bordado,
No inebriante país que o sol acaricia,

A graciosa morena, cálida e arredia,
Tem na postura um ar nobremente afetado;
Soberba e esbelta quando o bosque a desafia,
Seu sorriso é tranquilo e seu olhar ousado.

Tu que és digna de ornar os solares altivos,
Junto às margens do Sena ou onde o Loire se lança,
Caso viesses, Senhora, à heroica e eterna França,

Farias, ao abrigo das
sombas discretas,
Mil sonetos brotar no coração dos poetas,
Que de teus olhos, mais que os negros, são cativos
(BAUDELAIRE, 1985)

O poeta C. Baudelaire escreve “As flores do mal” (1985), rompendo paradigmas clássicos com sua temática, que aborda temas como: o “mal”, a “musa venal”, “a dama crioula”, o “flâneur”, a lésbica... transgredindo a temática clássica de mais de dois mil anos. Sua teoria das “correspondências” subverte a vertical ascendente e hierárquica de valores platônicos, antecipando o pensamento de Nietzsche sob este aspecto.

O poeta romântico-simbolista francês é citado por M. Proust que diz ser da “linhagem de Baudelaire” em sua obra. Sua “musa” é retomada por todos os grandes escritores do século XX; inspira a poesia brasileira de Mário de Andrade em “Poemas da Negra” (1976), para citar um deles, simbolizando essas rupturas com “a queda da aura” na lama, tematizada pelo filósofo W. Benjamin (1989), marcando seu percurso com a busca

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de uma verdade que atravessa o sujeito com seus questionamentos mais íntimos, de uma forma transgressora e dessacralizante, conforme o poema citado revela:

O SINO RACHADO

É doce e amargo, quando a neve cai lá fora,
Ouvir, ao pé do fogo que crepita e esfuma,
Aflorar lentamente as lembranças de outrora
Ao som dos carrilhões que ressoam na bruma.

Bendito o sino de garganta vigorosa
Que, apesar da velhice, alerta e bem disposto,
Fielmente emite sua nota religiosa,
Como um velho soldado atento no seu posto.

Minha alma está rachada, e quando, em agonia,
Quer povoar de canções o azul da noite fria,
Ocorre muita vez que a voz se lhe enfraquece

Como o espesso estertor de um corpo que se esquece,
Junto a um lago de sangue e de humanos destroços,
E que sucumbe, inerte, entre imensos esforços. (BAUDELAIRE, 1985)

O escritor continua sendo assunto atual até hoje, atendendo os anseios pós-modernos de “diversidade cultural” na contemporaneidade (movimentos: negro, feminino, de gênero...). Baudelaire é vanguarda em tempos de “protagonismo” negro ao inventar, no espaço poético do século XIX, uma musa negra: primeira musa negra da lírica europeia branca masculina, dentro de uma concepção afirmativa de seu papel social (protagonismo afirmativo).

1.2. S. Mallarmé (1843-1898)

O AZUL

De um infinito azul a serena ironia
Bela indolentemente abala como as flores
O poeta incapaz que maldiz a poesia
No estéril areal de um deserto de Dores.

Em fuga, olhos fechados, sinto-o que espreita,
Com toda a intensidade de um remorso aceso,
A minha alma vazia. Onde fugir? Que estreita
Noite, andrajos, opor a seu feroz desprezo?

Vinde, névoas! Lançai a cerração de sono

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Sobre o límpido céu, num farrapo noturno,
Que afogarão os lodos lívidos do outono,
E edificai um grande teto taciturno.

E tu, ó Tédio, sai dos pântanos profundos
Da desmemória, unindo o limo aos juncos suaves,
Para tapar com dedos ágeis esses fundos
Furos de azul que vão fazendo no ar as aves.

Que sem descaso, enfim, as tristes chaminés
Façam subir de fumo uma turva corrente
E apaguem no pavor de seus torvos anéis
O sol que vai morrendo amareladamente!

– O Céu é morto. – Vem e concede, ó matéria,
O olvido do Ideal cruel e do Pecado
A um mártir que adotou o leito da miséria
Ao rebanho feliz dos homens reservado,

Pois quero, desde que meu cérebro vazio,
Como um pote de creme inerte ao pé de um muro,
Já não sabe adornar a ideia-desafio,
Lúgubre bocejar até o final obscuro...

Em vão. O azul triunfa e canta em glória
Dentro dos sinos. Sim, faz-se voz para sus-
Pender-nos no terror de sua vil vitória,
Rompendo o metal vivo em angelus de luz!

Ele rola na bruma, antigo, lentamente
Galga tua agonia e como um gládio a sul-
Cá. Onde fugir? Revolta pérfida e impotente.
O Azul! O Azul! O Azul! O Azul! O Azul! O Azul! (MALLAR-
MÉ,1991)

Mallarmé (CAMPOS, 1991), em vez do percurso descendente no sensível, na expressão do pensamento humano, como ponto de dessacralização, como se situa o poeta Baudelaire, o poeta Mallarmé é marcado pela luta entre um IDEAL e seu desejo (vertical ascendente e descendente do pensamento), na busca da expressão do real sensível e material que fracassa no conflito com o ideal de uma “palavra absoluta”, que expressasse os anseios do poeta. Assim, retorna ao plano ascendente, metaforizado pelo “azul” como tema. Essa busca o coloca em um espaço HERMÉTICO de uso significativa que é uma de suas marcas poéticas; seu percurso passa pela metapoética, a poesia que se volta para a própria poesia, criando dessa forma um espaço de reflexão filosófica da linguagem sobre as relações do significativo com o real e sua representação: busca de solução para a expressão de um real inominável, de um silêncio – expres-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

na terceira fase de CDA, considerada sua fase mais hermética e nihilista, tendo como expressão “A máquina do mundo”; estando também bastante presentes na obra de Manuel Bandeira e João Cabral, como por exemplo em sua obra metapoética “A psicologia da composição”, onde também dialoga com o escritor de “A Filosofia da composição”, com E. A. Poe.

1.3. Arthur Rimbaud (1854–1891)

MINHA BOÊMIA (Fantasia)

Eu ia ao léu, os punhos nos bolsos furados;
Meu paletó também tornava-se ideal;
Ia sob o céu, Musa, e a ti era leal;
Ah, que loucos amores sonhei pelos prados!

Minha calça andarilha tinha um grande furo.
– Pivete sonhador, eu lançava ao redor
As rimas. Meu albergue era à Ursa Maior.
As estrelas no céu tinham um doce sussurro

E eu as ouvia, sentado à beira do atalho,
Nas boas noites de setembro, quando o orvalho
Vertia em minha frente o vinho do verão;

Quando, rimando em meio à escuridão fantástica,
Eu tangia, feito lira, os fios elásticos
Dos sapatos, um pé perto do coração! (RIMBAUD, 2019)

A transgressão dos pressupostos clássicos se dá ainda na poesia de Arthur Rimbaud (1854–1891), o poeta do “choque” e do espanto, que ainda muito jovem muda a lírica com um “chute genial” na roupagem clássica formal da poesia, segundo Mário de Andrade no ensaio da obra “A escrava que não era Isaura” (2010), publicado em 1925.

A poesia da época, estilisticamente denominada Parnasiana, priorizava a nobreza do tema e o vocabulário formal, acadêmico, o rigor métrico e a rima rara: Rimbaud introduz a PROSA-POÉTICA e o vocabulário do dia a dia, transgredindo dessa maneira a forma clássica que já começara a ser questionada pelos românticos.

Além de Mário de Andrade, quase todos os poetas modernos e contemporâneos priorizaram a prosa-poética na poesia, sendo Oswald de Andrade, Carlos Drummond, Manuel Bandeira (entre os modernos); Ferreira Gullar, Adélia Prado e Manoel de Barros (entre os contemporâneos), na poesia brasileira, suas expressões mais evidentes.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A sua frase "Eu é um Outro" ("...É falso dizer eu penso, sou pensado") extraída de uma de suas cartas, antecipando o inconsciente e a divisão do sujeito psicanalítico, pois é anterior a Freud, ficou registrada e é repetida às vezes sem que seja conhecida sua autoria, mas ficou registrada na obra de Lacan em um seminário inicial ("Seminário 2"): "Por enquanto vamos ater-nos a esta metáfora tópica - o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo. É o que (EU) é um outro quer dizer." (LACAN, 1985. p. 16).

2. Concluindo

Em todos os poetas simbolistas citados, pode-se identificar um tema comum: a interiorização das questões humanas, que surge no tema da busca da verdade, sendo a principal fonte de inspiração e questionamento da representação do real pela palavra e suas possibilidades e impossibilidades, as quais cada um deu corpo através de sua poesia e de sua letra própria.

Essas são algumas das expressões poéticas modernas e contemporâneas que podem ser apontadas como articuladas tematicamente, ou formalmente, aos três poetas do século XIX, que deixaram seus rastros, suas marcas em suas obras, inscrevendo-as na tradição poética do Ocidente.

Pois eles buscavam a expressão do real humano, pela linguagem, e em suas buscas de resposta às suas questões humanas, encontraram expressões identificadas às dores e amores individuais, porém também universais, o que motiva suas referências na atualidade da pós-modernidade e nos temas da diversidade, da inclusão, da abertura de espaço de voz às minorias.

Suas obras abriram aquele espaço que, ainda agora, desbrava-se com dificuldades, mesmo no século XXI e em nosso tempo, como atesta o contexto social e político brasileiro atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. Disponível em: [https://www.recantodasletras.com.br/analise-de-](https://www.recantodasletras.com.br/analise-de)

obras/5711081. Acesso em 29/09/2010.

ANDRADE, Mário de. *Poemas da Negra (ilustração Di Cavalcanti)*. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1976.

_____. *A escrava que não era Isaura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

APOLLINAIRE, G.. *Caligramas*. Introd., org., trad. e notas de Álvaro Faleiros; Prefácio de Véronique Dahlet. São Paulo: Ateliê Editorial; Brasília: Editora UnB, 2009). Disponível em: <https://www.revistapro.saver-soearte.com/guillaume-apolinaire-poemas/> Acesso em 29/09/2010

BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Trad. de Ivan Junqueira) . Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

BENJAMIN, W..” Sobre alguns temas... “. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAMBEIRO, Marilene F. *Poemas da Negra: Vida e obra do escritor Mário de Andrade*. Disponível em: <http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/download/1690/874>. Acesso em 20/06/2019. Acesso em 29/09/2010.

CAMPOS, Augusto de. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/augusto_de_campos_3.html. Acesso em 29/09/2010

CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CERVANTES, M. de; PORTINARI, Cândido; ANDRADE, C. Drummond de. *Dom Quixote*. Rio de Janeiro: Diagraphis, 1972/3.

EAGLETON, T. *Teoria literária*. São Paulo. Martins Fontes, 2005.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FRIEDRICH, H. *Estrutura da Lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LACAN, J. *Seminário 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *O seminário*. Livro 2. Rio: Jorge Zahar, 1985.

MALLARMÉ, Stéphane. *Mallarmé*. Org., trad. e notas de Augusto de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Coleção signos. Edição Bilingue)

MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Org., introd. e notas de M.A. de Moraes. São Paulo: USP: IEB, USP, 2000. p. 476

RIMBAUD, Arthur. *O rapaz raro: iluminações e poemas*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

_____. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/ilustrissima/2019/08/leia-poema-boemio-de-rimbaud-em-traducao-inedita-de-corsaletti.shtml>. Acesso em 29/09/2010.